



CURRUPACO PAPACO



História: ANA MARIA MACHADO
Ilustrações: ALCY



Narrador — Como em toda cidadezinha, o maior sucesso de Roseiral era a praça, com o seu serviço de alto-falantes.

Locutor — Acabamos de ouvir “Saudades do Meu Sertão”, que o coronel Pancrácio oferece à sua filha Florineide, que hoje completa nove primaveras...

Paco — Primavera-era-catiribera, sete-oito-nove, noves-fora-lera-lera, era-primavera...

Seu Manoel — Cala esta boca, louro...

Narrador — E o maior sucesso da praça era a venda de seu Manoel, com seu papagaio.

Paco — Louro de ouro, melhor que tesouro, tesouro-besouro, besouro-estouro... Currupaco, papaco...

Criança — Louro, dá o pé?

Paco — Assim não dá pé, solta meu pé, ãe dá cafuné... Senão, não dá pé, só da chulé...

Narrador — Era um papagaio muito falador. Tudo o que ouvia repetia. E, quando cansava, inventava.

Paco — Cansava, inventava, ventava, ventava que tudo derrubava...

Narrador — Pera aí, pera aí, louro, comigo não! Eu não sou dessa história, estou só contando!

Paco — Falou, dançou...

Seu Manoel — Cala esta maldita boca, louro...

Narrador — Calar a boca era o que Paco menos gostava. E dançar era uma das coisas de que ele mais gostava. Mas a corrente no pé não deixava. Pena. Porque por ele, passava o dia cantando e dançando.

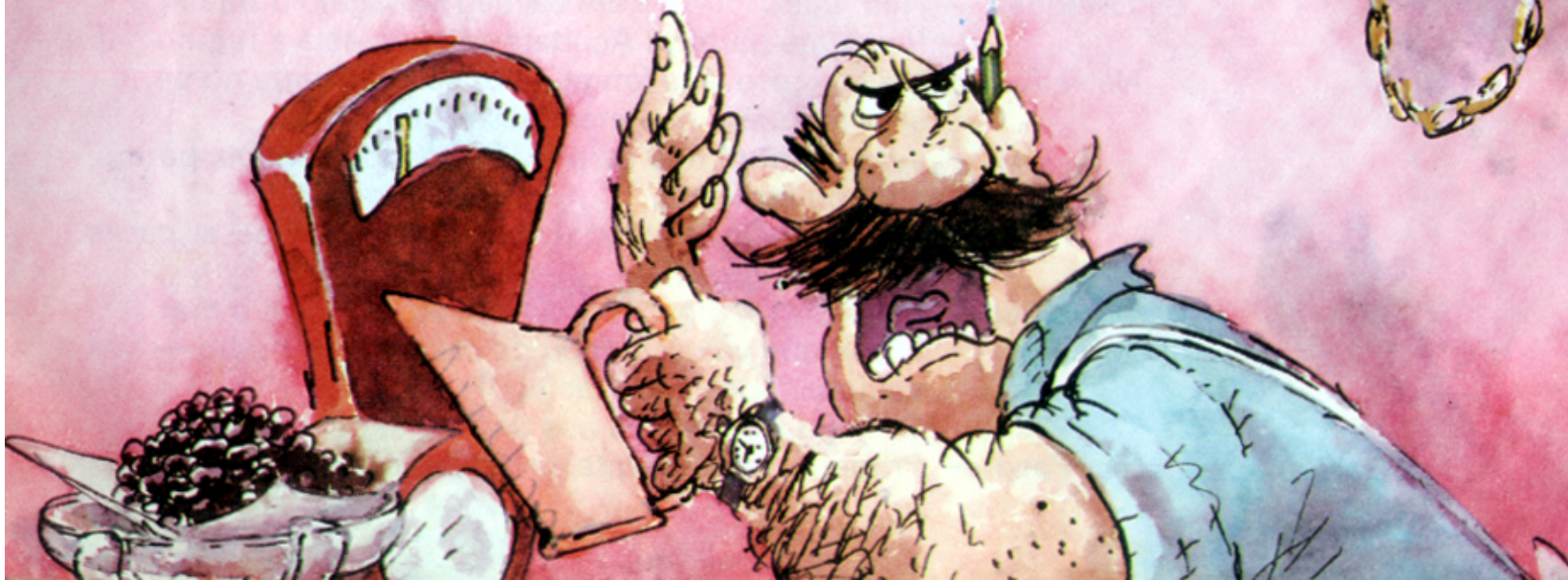
Locutor — A loja de Fulustreco dos Anzóis Carapuça oferece à bela morena de saia estampada e blusa bordada um sucesso de Gal Costa!

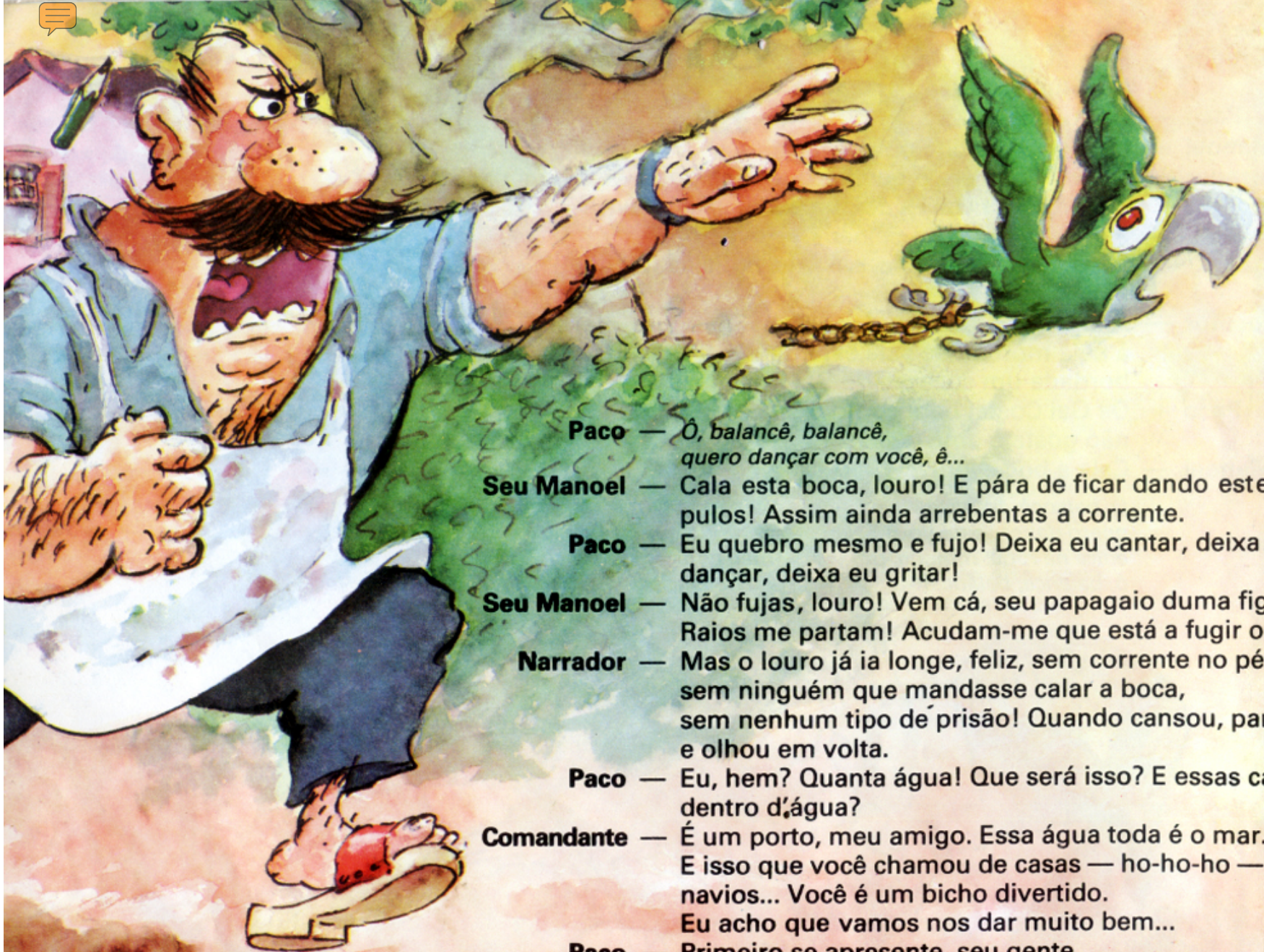
Paco — De Gal Costa, bem como o louro gosta. E quem não gosta é uma bela...

Seu Manoel — Cala a boca, louro!

*Ô, balancê, balancê,
quero dançar com você,
entra na roda, morena, pra ver,
ô, balancê, balancê!*

*Quando por mim você passa,
fingindo que não me vê
meu coração quase se despedaça
no balancê, balancê...*





Paco — *Ó, balancê, balancê,
quero dançar com você, ê...*

Seu Manoel — Cala esta boca, louro! E pára de ficar dando estes pulos! Assim ainda arreventas a corrente.

Paco — Eu quebro mesmo e fujo! Deixa eu cantar, deixa eu dançar, deixa eu gritar!

Seu Manoel — Não fujas, louro! Vem cá, seu papagaio duma figa! Raios me partam! Acudam-me que está a fugir o gajo!

Narrador — Mas o louro já ia longe, feliz, sem corrente no pé, sem ninguém que mandasse calar a boca, sem nenhum tipo de prisão! Quando cansou, parou, e olhou em volta.

Paco — Eu, hem? Quanta água! Que será isso? E essas casas dentro d'água?

Comandante — É um porto, meu amigo. Essa água toda é o mar. E isso que você chamou de casas — ho-ho-ho — são navios... Você é um bicho divertido. Eu acho que vamos nos dar muito bem...

Paco — Primeiro se apresente, seu gente.

Comandante — Eu sou um lobo do mar, procurando um mascote por aí...

Paco — Mascote, de fricote! Lobo do mar?
Eu nunca vi um lobo antes! Ai, que medo!

Comandante — É só um jeito de falar. Eu sou é comandante daquele navio ali. E estou convidando você para ser meu mascote.

Paco — Mascote? Que é isso? Tem que dar pinote? Fazer fricote? Dançar xote? Oba! Adoro'dançar...

Comandante — Mascote é um bicho que faz companhia. Eu estou convidando você para viajar comigo pelo mundo afora.

Paco — Oba! Pelo mundo afora... Chegou a hora...
Vamos embora! Tchou, terra, tchau!

*Periquito Maracanã,
cadê a tua iaiá?*

*Faz um ano, faz um dia,
que eu não vejo ela passar.*

*Ela vai chegando, ela vai chegando,
ela vai chegando até chegar...*

*Ela vai chegando, ela vai chegando,
ela vai chegando até chegar...*

Narrador — E, entre alegrias e cantorias, os dois embarcaram.
O louro ia feliz, sem corrente, sem ninguém
que ficasse m'andando calar a boca.

Comandante — Oi, louro, que tal a viagem?



Paco — Maravilha... Que mar lindo, hem, comandante?
Não dá nem pra ver o fim! É verde e azul pra tudo
quanto é lado...

Comandante — Você vai acabar virando um lobo do mar
de pena verde, ho-ho-ho...

Paco — Sou é um louro dançando nas ondas,
pra lá e pra cá,
num balancê, balancê... ê...

*Você foi minha cartilha,
você foi meu abecê.
E por isso eu sou a maior maravilha
no balancê, balancê...*

Narrador — O louro fez também amizades
durante a viagem.
Primeiro, foi com as gaivotas.

Paco — Oi, beleza!

Gaivota — Oi, bonitão, você já tinha visto gaivota mais
bonita do que eu?

Paco — Igual a você, nunca...

Gaivota — Eu aposto que você diz isso pra todas...

Paco — Bobagem... Vamos dançar?

*Ô, balancê, balancê, ê, ê,
quero dançar com você,
entra na roda, morena, pra ver...*



Narrador — Tinha também outros amigos, como os golfinhos, que de vez em quando acompanhavam o navio.

Paco — Golfinho, golfinho! Cuidado!

Golfinho — O que que é, louro? Que é que está acontecendo?

Paco — Daqui de cima estou vendo um bicho enorme esguichando água! Fuja pra ele não te pegar...

Golfinho — Não tem perigo, não. É uma baleia. Ela é nossa amiga. É até minha prima! É grande assim mas não faz mal nenhum...

Comandante — Tudo bem aí em cima, louro? Alguma novidade?

Paco — Tudo bem, comandante. Baleia à vista!

Comandante — Ótimo. Vamos deixar a baleia em paz. Mas fique prestando bastante atenção. Já devemos estar quase chegando.

Paco — É, estamos mesmo, comandante. Terra à vista!

Comandante — Ótimo! Assim entregamos este carregamento e partimos para outra viagem. Parece que desta vez vamos ter um roteiro diferente.





Narrador — O comandante tinha razão. Foi isso mesmo o que aconteceu.

Comandante — Você vai ver só que frio, louro. Não vai dar para ficar aí em cima sem agasalho...

Paco — Não? Ah, mas eu pulo e danço pra me esquentar.

Comandante — Eu só quero ver... Ho-ho-ho...

Narrador — No começo da nova viagem, ainda parecia que tudo era como antes: o balanço das ondas, as brincadeiras com os amigos, a distração com os barcos que passavam...

*Vamos, maninha, vamos
à praia passear.*

*Vamos ver a barca nova
que do céu caiu ao mar.*

Nossa Senhora vem dentro,

Nosso Senhor no altar.

*São José é o contramestre
e os anjinhos a remar.*

*Rema, rema, remador,
que estas águas são de flor.*

Narrador — Mas cada dia fazia mais frio. Até que o louro não fazia outra coisa a não ser espirrar, tremer e tossir.



Paco — Brrrrr! Ai, que horror! Eu vou virar picolé de papagaio... Que vento frio! Aaaaaaaaatchim! Ai, comandante, ainda falta muito?

Comandante — Não, só mais uns dias...

Paco — E aquilo ali é o que, hem? Um navio de vidro? Aaatchim! Ah, não agüento mais...

Comandante — É um *iceberg*, um bloco enorme de gelo que vem boiando. Mas amanhã devemos chegar num porto.

Paco — Aaaaaaaaatchim!!!

Narrador — E chegaram mesmo. Num porto tão gelado que a água do mar estava congelando.

Paco — Aaaaaatchim! Brrr! Não agüento mais... Eu quero ir embora, não quero esse frio nunca mais, nunca, nunquinha! Aaaaaatchim!

Comandante — Paciência, meu amigo! Só podemos ir quando o navio acabar de descarregar. Espere mais uns diazinhos...

Paco — Nem paciência, nem ciência. Não adianta nada, seu lobo do mar. Eu estou é com frio, eu estou é sozinho, eu estou é gelado, eu estou é triste e com saudade!

Comandante — Saudade da venda do seu Manoel, onde você disse que morava antes?

Paco — E alguém lá pode ter saudade de corrente no pé e grito de cala-a-boca? Que é isso, seu lobo do mar! Eu tenho saudade é do calor, das comidas que eu gosto, de quem acha graça nas mesmas coisas que eu, saudade dos amigos...

Comandante — Mas, Paco, você sempre fez amizades com todos! Tente aqui também.

Paco — Ah, eu já tentei. Mas não dá muito pé, não, sabe? Foca, urso polar... Eles nem sabem fazer balancê...

Comandante — Mas a gente vai ter que dar um jeito, louro. Daqui por diante, eu vou trabalhar nesta linha. Acho bom você se acostumar, e aprender a patinar no gelo, a esquiar no convés...

Narrador — Enquanto viajavam de volta, o louro ficou pensando: corrente no pé era coisa que ele não queria nunca mais. Voltar para a venda? Jamais! Mas tinha saudades de ter um monte de amigos, de cafuné, de balancê... Até que um dia, quando ele estava meio distraído pegando sol, o comandante mostrou:



Comandante — Veja que ilha linda!

Paco — E que mercado tão colorido! Deve ter semente de abóbora! Oba!

Comandante — Ei, louro, louro, escute! Desça até o convés e preste atenção!

*Eu levo a vida pensando,
pensando só em você,
e o tempo passa e eu vou me acabando
no balancê, balancê.*

Narrador — O louro ficou na maior felicidade, ouvindo a música, vendo a criançada que dançava ao som do rádio, num barco de pesca ali perto.

Paco — Oba! É a música que eu gosto!

*Meu coração quase se despedaça
no balancê, balancê...*

Menino — Olha ali, Maria, que papagaio mais engraçado... Que gracinha que ele é...

Paco — Gracinha é você, meu amor, minha flor, minha conta de cor... Viva! Currupaco papaco, paloma...

Menina — Ah, moço, esse louro é um amor! Eu posso dar um pedaço de banana pra ele?



- Menino** — E semente de abóbora, também?
- Comandante** — Pode, pode...
- Paco** — Oba! Currupaco! Oba!
- Menina** — Moço, o senhor não quer dar esse papagaio pra gente?
- Comandante** — Eu não posso, minha filha.
- Menina** — A gente cuida bem dele...
- Menino** — Isso mesmo. A gente faz cafuné, canta com ele...
- Comandante** — Mas eu não posso. Eu não sou dono dele.
- Menino** — Não? Quem é o dono, então?
- Comandante** — Dono dele é ele mesmo. Ho-ho-ho... Eu sou é amigo dele. E amigo a gente não prende, deixa bem solto, fazendo o que quer.
- Menina** — E você não quer ficar com a gente, louro?
- Paco** — Quero, sim! Cansei de virar picolé. Já soltei meu pé, agora quero cafuné...
- Comandante** — Isso, meu amigo, fique aqui, que eu venho sempre te visitar.
- Paco** — Oba! Oba! Vem mesmo? E cada vez que você vier, nós vamos cantar e dançar todos juntos!

*No balancê, balancê,
quero dançar com você, ê...*

Ô, balancê, balancê...

